

É Hora de Aprender: o desafio de vencer a multirrepetência em Arapiraca-AL

Maria Cícera Pinheiro da Silva

Secretária Municipal de Educação e Cultura (SMEC) de Arapiraca-AL.

Maria das Graças Correia de Almeida

Mestra em Educação Popular pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e assessora em planejamento da SMEC de Arapiraca.

Este artigo tem como base a experiência da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Arapiraca, Alagoas, com as Classes de Aceleração da Aprendizagem, implantadas no decorrer de 1998, com o objetivo de dar início ao processo de eliminação da defasagem idade/série constatada em nossa rede de ensino.

Arapiraca, AL

Data 19/9/98

Oi, o meu nome é Margarete Pereira da Silva.

Eu estudo na Aceleração I com a Tia Cristina.

Eu vou falar o que eu estou achando da Aceleração I.

Eu estou achando o projeto da Aceleração uma coisa muito legal, porque eu bemdizer era analfabeta, porque eu não sabia nem fazer o meu nome direito. Mas graças a Deus depois que eu fui para a aceleração eu já aprendi muitas coisas: o que é gráfico, o que é texto...

Eu confio na minha professora que no final do ano eu vou para a 4ª ou 5ª série, sabendo ler e escrever muito bem.

Eu também quero muito que as meninas da minha classe aprendam a ler e escrever.

Tchau

Ass. Margarete

Margarete Pereira da Silva era em 1998 uma das 13.105 crianças de nossa rede atingidas pelo estigma do fracasso escolar. Inocentemente ajudava a compor o índice assustador de 58,3% de alunos com distorção idade/série em nossas escolas. O mundo dessas crianças deixara de ser encantado logo cedo, marcado que estava por seu insucesso na escola, cuja repetição termina por emprestar a essa problemática um certo caráter sistemático e de normalidade.

Aluna da Turma de Aceleração 1 da Escola Tibúrcio Valeriano, em Arapiraca-AL. A carta foi escrita três meses depois de Margarete começar a participar das atividades de aceleração da aprendizagem em sua turma. A matrícula total em 1998 foi de 22.493 alunos da 1ª à 4ª série.

A história não foi diferente nos anos anteriores, conforme nos falam os dados estatísticos de 1996 e 1997, quando assumimos a gestão da Secretaria e tivemos de encarar o fato de que 60% dos alunos da rede apresentavam entre dois e sete anos de defasagem em relação à série em que deveriam estar inseridos, caso sua história de vida escolar tivesse percorrido os padrões considerados normais no processo de apropriação de conteúdos e desenvolvimento de habilidades.

Cientes das graves conseqüências que tal situação acarreta, tanto para as crianças como para o município e para a rede de ensino, decidimos enfrentar o desafio de fomentar uma estratégia de ação que tivesse como sustentação básica a busca da qualidade do ensino, no sentido de devolver esses alunos ao fluxo regular de escolaridade, tentando ao mesmo tempo recuperar a eficiência e a eficácia da escola pública de nosso município.

Margarete, com certeza, assustar-se-ia caso lhe fosse dada a oportunidade de se ver no meio de um grupo formado por nada menos do que 13 mil pessoas, todas com história semelhante à sua. Uma história nada gloriosa, que a seus olhos e aos de seus pais tem um único culpado: elas próprias e a "fraqueza da cabeça que não dá pra aprender", como costumeiramente se falava na comunidade escolar. A prepotência da escola e do saber instituído tem historicamente se eximido da responsabilidade da repetência, da evasão escolar e dos irreparáveis danos na auto-imagem e confiança do aluno. A política que tem norteado os destinos da educação não tem demonstrado preocupação com a competência de quem por ela passa, esquecendo-se que sua função primordial é a de formar cidadãos conscientes de seu papel na construção da sociedade em que estão inseridos.

Devolver a Margarete e a seus companheiros de infortúnio escolar o direito de ser bem-sucedidos foi um compromisso assumido por nossa equipe, enquanto integrante de um governo comprometido em fixar no município alicerces de sustentação a um processo crescente e dinâmico de desenvolvimento local.

É sabido que essa idéia longe está de ser consensual, e que os seus princípios ainda não alcançaram - como deveriam -

nosso sistema educacional como um todo. Contudo, ousamos nos juntar aos que já acreditam nas possibilidades de resgatar para essas crianças o direito de aprender, permanecendo com sucesso na escola. Buscando experiências bem-sucedidas, iniciamos por divulgar esse compromisso e essa intenção por toda a sociedade, nossos professores, pais e alunos, alertando para a necessidade de erradicar de nossa rede os fatores propiciadores da defasagem idade/série.

Para viabilizar o alcance desses objetivos, optamos por um processo que desencadeasse a melhoria da qualidade do ensino na rede municipal, a partir de investimentos na qualificação continuada de seus profissionais e da garantia do aporte didático necessário, buscando garantir à escola o cumprimento de seu papel de ensinar.

Usando como bandeira nosso *slogan* "É hora de aprender", instalamos em junho de 1998 o Projeto de Reorganização da Trajetória Escolar: Classes de Aceleração. Nesse primeiro momento, atendemos a 1.289 alunos, assistidos e acompanhados por 43 professores e 45 coordenadores pedagógicos capacitados pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), de São Paulo. Pretendíamos assim fazer com que o aluno avançasse no trajeto escolar, resgatasse sua auto-estima e, com seu sucesso, liberasse sua vaga para que novas crianças pudessem ingressar na escola, permitindo melhor utilização dos recursos públicos e contribuindo para a reversão do quadro de repetência e evasão nas escolas da rede municipal.

Tendo como pressuposto básico o fato de que todas as crianças podem aprender, o trabalho teve início com o agrupamento dos alunos de acordo com a série de origem e com a defasagem etária (de mais de 2 anos); as classes foram organizadas em dois níveis: Aceleração I, com alunos provenientes de 1ª ou 2ª série, cujo destino seria a 4ª ou 5ª série; e Aceleração II, composta por alunos de 3ª e/ou 4ª série, com vistas à sua promoção para a 5ª série. A idade mínima era de 10 e 11 anos respectivamente, sendo cada turma composta por no máximo 30 alunos.

A metodologia previa momentos de trabalho coletivo, em pequenos grupos e individuais, ressaltando a importância da interação entre professor-aluno e aluno-aluno. Nessa relação interativa estava alicerçado o sistema de avaliação, estabelecido de forma diagnóstica e processual.

Adotamos o material de apoio produzido pelo Cenpec para a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, intitulado *Ensinar pra valer! e Aprender pra Valer!*; foram propiciados também revistas, jornais e outros materiais pedagógicos e de consumo para alunos, professores e coordenadores. Os professores escolhidos para tal empreendimento comprometeram-se (e cumpriram) com horas semanais de estudo individual, aprimorando sua autocapacitação e oferecendo reforço escolar, quando necessário, em períodos opostos aos de sala de aula.

Os resultados vieram gratificantes e encorajadores, bastando ter em mãos a carta escrita por Margarete, três meses depois de iniciado o trabalho. A certeza de que estávamos no caminho certo levou-nos a permanecer, oferecendo toda a condição necessária para a continuidade do processo. Nos dados obtidos ao final do ano, veio a resposta quantitativa a essa ação, considerada positiva pelo alto índice de sucesso obtido: dos 1.289 alunos com os quais iniciamos o trabalho, chegamos ao final do ano com 1.137 e, destes, 90,41% foram promovidos para as etapas seguintes, conforme o previsto. Os resultados qualitativos dessa ação, embora não mensuráveis, estão impressos na expressão de alegria e satisfação do professor envolvido com o processo, na confiança e mudança de comportamento observados, na forma como nosso aluno começou a se expressar desde que voltou a se sentir capaz de aprender. O efeito psicológico deste fazer para nós é a grande e estimulante resposta. Os dados falaram de nossa eficiência diante da questão quando decidimos mudar as regras do jogo. A satisfação dos alunos, expressa em bilhetes, cartas e cartazes, - e que também manifesta gratidão, como se esta não fosse nossa obrigação - falamos da eficácia da pedagogia do sucesso, podemos assim dizer, com a qual trabalhamos.

Dessa forma, temos tentado fazer com que a escola resgate sua função de ensinar, o aluno, seu direito de ser bem-sucedido, tendo os professores sido transformados em militantes desse sucesso, fazendo com que a política de ação de nossa rede de ensino saia da contramão da história, imprimindo um padrão de qualidade na forma de fazer a educação em nosso município.